Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

JOÃO CERQUEIRA MEDEIROS

06/87120

Dois loucos e um destino: uma aproximação à recepção de Cervantes em 'O Alienista' de Machado de Assis”

MENÇÃO	**SS**

Orientador: Dr. Erivelto da Rocha Carvalho

Brasília-DF

2º/2016

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

JOÃO CERQUEIRA MEDEIROS

06/87120

Dois loucos e um destino: uma aproximação à recepção de Cervantes em 'O Alienista' de Machado de Assis”

Monografia em Literatura apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília sob a orientação do Professor Dr. Erivelto da Rocha Carvalho.

Brasília- DF

2º/2016

Agradeço sobretudo a Deus por me conceder saúde e pensamento positivo para alcançar os meus objetivos. Agradeço a todos os professores da UnB que contribuíram enormemente para eu chegar a este ponto. Agradeço em especial ao meu orientador Professor Dr. Erivelto da Rocha Carvalho por haver trabalhado comigo de maneira dedicada na construção deste sonho.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma aproximação ao estudo da recepção de Miguel de Cervantes em *O Alienista* de Machado de Assis. Para isso serão abordados aspectos relevantes do conto do autor brasileiro e da obra prima *Dom Quixote*, com o intuito de perceber aspectos de intertextualidade entre as duas obras. Ademais, serão mostrados pontos de tangência dos dois autores relacionados à recepção, metaficção e paródia interligados pelo tema da "loucura", nas duas obras em questão. Dentro deste contexto, Foucault e Erasmo de Rotterdam serão tomados como referência para perceber como Cervantes e Machado vão se aproximar do tema mencionado; e quais serão as artimanhas de que Machado se utiliza na sua releitura do texto cervantino, tendo por objetivo investigar o tipo de paródia que Machado faz de *Dom Quixote* em *O Alienista*. A discussão sobre a recepção da loucura quixotesca no texto de Machado de Assis servirá por fim para fazer umas breves considerações sobre os desenlaces dessas duas narrativas.

Palavras-chave: recepção, metaficção, paródia e loucura.

ABSTRACT

This work proposes an approach to the reception study of Miguel de Cervantes in *O Alienista* by Machado de Assis. To meet this goal, key aspects of both the Brazilian author's short story and Cervantes's masterpiece novel *Don Quixote* will be addressed, as intertextual elements are brought to light. Also dwelt upon are the points where the two authors converge regarding reception, meta-fiction, and parody elements interwoven in the two literary texts by the subject of madness. References will also be made to Foucault and Erasmus of Rotterdam in order to cast light on how both Cervantes and Machado de Assis deal with madness and on the cunning in the latter's reading of Cervantes's work, with an investigation into the nature of the parody of *Don Quixote* in *O Alienista*. The discussion on the reception of quixotic madness in de Assis's text will also provide the basis for remarks on the denouement in the two stories.

Keywords: reception, meta-fiction, parody and madness.

RIASSUNTO

Il presente lavoro propone un avvicinamento allo studio del ricevimento di Miguel de Cervantes nell'*Alienista* di Machado de Assisi. Per tale motivo saranno abbordati aspetti rilevanti del racconto dell'autore brasiliano e dell'opera d'arte *Dom Quixote*, con l'intuito di poter percepire aspetti di intertestualità tra le due opere. Oltre a questo, saranno dimostrati punti di tangenza fra i due autori, riguardo alla ricezione, al metaromanzo e alla parodia interconnessa dal tema della "pazzia" nelle due opere in questione. Dentro a questo contesto, Foucault e Erasmo di Rotterdam saranno utilizzati come riferimento per poter percepire come Cervantes e Machado si approssimeranno al tema menzionato; e quali saranno gli artifici che Machado utilizza nella sua rilettura del testo di Cervantes, avendo come obbiettivo investigare il tipo di parodia che Machado fa di *Dom Quixote nell' Alienista.* La discussione sul ricevimento della pazzia di *Quixote* nel testo di Machado de Assisi servirà in fine per fare delle brevi considerazioni sull'epilogo di queste due narrative.

Parole chiavi: ricevimento, metaromanzo, parodia e pazzia.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **8**

1. MACHADO DE ASSIS **13**

1.1 SIMÃO BACAMARTE EM *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS 13

1.2. OUTROS ASPECTOS DA OBRA 14

2. MIGUEL DE CERVANTES **16**

2.1*DOM QUIXOTE* EM MIGUEL DE CERVANTES 16

2.2 OUTROS ASPECTOS DO *DOM QUIXOTE* 17

3. PERSPECTIVAS SOBRE A LOUCURA EM *DOM QUIXOTE* **18**

4. LOUCURA E PARÓDIA DE CERVANTES EM *O ALIENISTA* **23**

4.1 ASPECTOS FORMAIS 23

4.2 RECEPÇÃO E INTERTEXTUALIDADE 25

4.3 PARÓDIA 27

CONSIDERAÇÕES FINAIS **32**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **37**

APRESENTAÇÃO

Em se tratando de Machado de Assis e Miguel de Cervantes, vale à pena fazer uma observação com relação à recepção do autor espanhol no Brasil. Maria Augusta da Costa Vieira no segundo capítulo da sua obra[1] aborda as considerações de Antônio Cândido, segundo o qual "estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada". Para a autora, há vínculos da produção literária com modelos externos; e formação do juízo crítico a partir de possíveis aproximações com textos estrangeiros.

Com o intuito de perceber uma possível aproximação entre *O Alienista (1880)* de Machado de Assis e *Dom Quixote (1605,1616)* de Miguel de Cervantes é que farei primeiramente um breve relato das duas obras convergindo para os pontos que pretendo abordar nesta pesquisa.

A obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes atinge a sensibilidade de cada indivíduo que entra em contato com as aventuras do Cavaleiro da Triste Figura. Isso porque a Literatura é como um vírus que se encontra em estado de cristalização. A partir do contato com a obra, são despertados no leitor sentimentos que até então estavam adormecidos.

Frei Betto [2] afirma que:

> "Toda obra de arte vale por sua beleza e não necessita de explicações. Ela é polissêmica, e cada pessoa aprecia a partir de sua sensibilidade. Pois todo ponto de vista é a partir de um ponto. A sensibilidade, porém, não é uma qualidade inata, pode ser apurada, acrisolada, refina, de modo que se extraia da obra de arte o máximo proveito. O que para alguém são apenas dois pedaços de madeira cruzados ao acaso, para muitos é a cruz carregada de significado, símbolo de uma fé religiosa fecundada na história do ocidente pelo sangue dos mártires".

É bom lembrar que cada leitor está situado em seu contexto histórico e cultural, e que, pelo qual pode estar influenciado na recepção de determinada obra de arte. Em se tratando da

---

[1] VIEIRA, Maria A. da Costa. *A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes.* p.68

[2] *A razão crítica de Cervantes através da loucura de Dom Quixote*, http://www.voltairenet.org/article125266.html. Artigo escrito em 18 de maio de 2005. Acesso em 07/09/2016.

recepção do Quixote no Brasil, Maria Augusta Vieira[3] aponta movimentos culturais, como a Semana de Arte Moderna em 1922 juntamente com outros trabalhos produzidos por intelectuais brasileiros, como motivos para uma recepção distinta de outros países. Ademais, aborda pontos importantes de estudos de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire, como *Raízes do Brasil* e *O Brasileiro entre outros hispanos.* Freyre analisou "o que há de hispânico na cultura brasileira". O resultado foi o redesenho da geografia culminando no encontro de uma unidade ibero-americana de forma a nos singularizar em relação aos demais países europeus e norte-americanos. Vieira aborda a explicação de Freyre da preferência marcada pelos ibero-americanos pelo ócio em detrimento do negócio e a predileção pela mescla entre o "nacional e o local, o hispânico e o universal, o histórico e o não histórico; mescla do gosto não somente cervantino, mas também machadiano, salienta. (FREYRE apud VIEIRA, 2012.p.65)

Para Vieira, "a falta de tradição universitária de estudos hispânicos e cervantinos propiciou uma leitura tratando de acomodar a obra no nosso universo, privilegiando a ideia de que lemos a obra a partir de nós mesmos". (Maria Augusta Vieira, 2014.p.71)

E como foi essa recepção em leitores eruditos e atentos como o Machado de Assis? É claro que a obra de Machado de Assis será marcada pela ambiguidade e polissemia como em Miguel de Cervantes. Principalmente *Dom Casmurro* (1899) que é uma de suas obras mais estudadas. Mas é em *O Alienista* que se encontrará uma semelhança relevante de Simão Bacamarte, com Dom Quixote, uma vez que nela serão abordados aspectos como os que ressalta Massaud Moisés ao buscar uma semelhança da obra de Machado com a de Cervantes:

> "O caso de Simão Bacamarte, protagonista de "O Alienista", pode ser considerado o seu correspondente no território do conto: ainda que outras narrativas curtas exibam as mesmas tendências apontadas, creio não exagerar se disser que o episódio de Itaguaí, pelas sutilezas caleidoscópicas das suas camadas semânticas, leva o refinamento delas a um nível sem par". (MOISÉS, 2001.p.127)

[3] *A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes.* Capítulo 2 – Escritura Cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro.

A realidade histórica para Massaud Moisés, não é o foco de Machado em "O Alienista". Evidentemente Machado está interessado na a realidade que o circunda, entretanto mira um alvo mais distante.

> "É a significação simbólica dos transes, decerto imaginários, que agitaram a pequena Itaguaí, que tinha em mira. Longe de escrever uma narrativa histórica, Machado retrocede no tempo para melhor enxergar o objeto do seu desejo: pintar um quadro tão atual, ou mesmo tão perene, quanto possível da Ciência, e das suas repercussões sociais". (MOISÉS, 2001.p.137)

Paulo Dutra[4] , a partir de uma imagem em "O Alienista que remete a Dom Quixote e Sancho, faz um mergulho para buscar traços cervantinos, e, ademais tentar satisfazer a curiosidade de dissecar tal construção no contexto do conto. O autor mostra como Machado de Assis se apropria da obra de Cervantes e dialoga com ela. Dutra faz uma reconstrução da imagem, remontando o caminho percorrido por Machado em sua transposição para o conto, mostrando um contraponto entre os protagonistas e oferecendo uma interpretação da composição, da técnica narrativa e da loucura como temas comuns. É uma perspectiva que será estudada mais adiante neste trabalho, com o intuito de estabelecer uma ligação entre a loucura, a recepção e dar uma visão da técnica narrativa utilizada nas duas obras.

Para ampliar essa ideia da recepção é que abordarei alguns pontos da obra de Jauss[5] segundo o qual, o texto foi feito para o leitor e não para ser interpretado.

> "Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção". (JAUSS, 2002.p.46)

Naturalmente é mister salientar aspectos da hipertextualidade, uma vez que esta se faz necessária à medida que, no caso específico deste trabalho, há uma obra anterior que servirá

---

[4] DUTRA, P. *Dom Bacamarte de Itaguaí. Rastros de Dom Quixote em "O Alienista"*

[5] JAUSS, H.R.&alii. *A literatura e o leitor. Capítulo 1 - A Estética da Recepção.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002. 2ªed. Trad. Luiz Costa Lima.p.46

de baliza para o estudo que se apresenta. Nesta perspectiva, toma-se também como referência teórica a obra de Gerard Genette (1989), que define e situa este conceito desde o ponto de vista de uma poética dos textos narrativos.

Ao criar Simão Bacamarte, um louco apaixonado pelas suas experiências científicas, que pretende através delas mudar o mundo, Machado de Assis vai reduzindo o universo da personagem de forma progressiva: primeiramente a uma cidade; em seguida a uma casa e culminando finalmente em um "laboratório de experiências", ou seja, em uma casa de loucos. Tudo isso diferencia a personagem Simão Bacamarte de Machado, de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, uma vez que o cavaleiro após uma leitura exaustiva de livros de cavalaria ganha o mundo e vai ampliar os seus conhecimentos para perceber a realidade a uma distância que lhe proporcione uma visão mais nítida da realidade. Há, portanto, uma observação da realidade desde uma distância próxima nas duas obras, mas, pelo que foi dito acima, em direções opostas. A linguagem utilizada em Dom Quixote proporcionará aos leitores uma visão imagética dos acontecimentos, e essa forma de narrativa vai influenciar a literatura por todo o mundo. Como essa influência alcança os nossos grandes escritores, no caso, Machado de Assis, é o que vai ser investigado nesta pesquisa, tendo em vista principalmente, verificar se Machado faz realmente uma paródia de Dom Quixote e, se for o caso, qual é o tipo de paródia.

Evidentemente serão abordados aqui trabalhos de autores que se dedicaram ao assunto, tais como: Maria Augusta da Costa Vieira, Jorge Luiz Borges, Gerard Genette, Massaud Moisés que em *Machado de Assis: ficção e utopia* faz análises profundas das obras de Machado de Assis, dentre outros. Esta obra nos apresenta um capítulo que perscruta a ideia de *O Alienista* ser uma Paródia de *Dom Quixote*. Este e outros artigos servirão de bases para esmiuçar os pontos que me proponho a pesquisar, comparar e verificar.

A loucura será pesquisada tanto em Foucault, na sua *História da Loucura* (1961) quanto em Erasmo de Roterdã, *Elogio da Loucura* (1511). Mesmo não esgotando o tema, estes dois autores servem de referência para pensar o papel da loucura nas obras de Cervantes e Machado.

Vale salientar, finalmente, que será feito um estudo de aspectos de duas obras de gêneros e extensão distintos. De um lado um conto, que por não ser tão curto, merece algumas considerações técnicas acerca da sua natureza, que serão abordadas mais à frente neste trabalho. Do outro, *D. Quixote*, romance inaugurador do gênero na modernidade, uma obra extensa e cheia de peripécias. Portanto, embora a leitura das duas dar-se-á na íntegra, somente alguns capítulos da obra de Cervantes[6], no entanto, serão tratados nesta pesquisa.

[6] Os capítulos que serão mencionados estão entre os que foram lidos e analisados em classe durante as aulas da disciplina "Cervantes e o Quixote", ministrada pelo prof. Dr. Erivelto da Rocha Carvalho durante o 1º semestre de 2016 na Universidade de Brasília.

1. MACHADO DE ASSIS

1.1 Simão Bacamarte em *O Alienista* de Machado de Assis

A personagem Simão Bacamarte retorna à sua terra natal após concluir os seus estudos de medicina na Europa. Na pequena cidade de Itaguaí o médico recém-formado constrói um manicômio para se dedicar à Psiquiatria. A viagem que fizera ao mundo dos livros, da ciência, será posta em prática a partir deste seu novo empreendimento. Ao instalar-se na cidade contou com a ajuda do amigo Crispim Soares, o boticário, que mergulhou com seu amigo nesta nova aventura.

Simão Bacamarte vai considerar a ciência o seu universo. É um mergulho profundo, um abandono de si mesmo para buscar um conhecimento profundo da mente das pessoas daquela cidade.

> "- A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
> Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita sem simpática". (MACHADO DE ASSIS, 2014, p. 19)

Obstinado na sua busca, até mesmo a esposa de Bacamarte fora "escolhida" de acordo com os seus anseios pelo conhecimento.

> Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes... (MACHADO DE ASSIS, 2014. p. 20)

Já no início da obra aparecem os vestígios de "ideia fixa" de Simão Bacamarte. Essa é uma característica que vai marcar o protagonista da obra "O Alienista" do início ao fim, sendo que no transcorrer da narrativa, vai ficando mais nítida.

Maria Augusta da Costa Vieira[7] dedicou muitas páginas à leitura de Machado do *D. Quixote* de Miguel de Cervantes. A ideia fixa aparece na sua obra (2012, p.108) quando faz algumas notações das marcas quixotescas em "O Alienista" de Machado de Assis. Para

[7] VIEIRA, Maria A. da Costa. *A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes.* São Paulo: Edusp.2012. p. 108

ela Bacamarte tem objetivos claramente científicos no que diz respeito à loucura e sensatez humanas. Ademais, segundo ela, a obra "O Alienista" incorpora aspectos temáticos da grande literatura internacional, como a pesquisa conceitual dos limites entre a ideia de loucura e de normalidade, que no caso da obra brasileira, é conduzida por uma personagem que padece de ideia fixa.

Demarcar os limites da razão e da loucura é a pretensão de Simão Bacamarte, segundo ele, com definição atual e de todos os tempos, razão e loucura estão perfeitamente delimitadas. Uma acaba onde a outra começa. [8]

1.2. Outros aspectos da obra

Para os propósitos que vou levantar nesta pesquisa, alguns personagens, além dos já citados acima, serão importantes ser mencionados.

A besta Ruana é importante, uma vez que ganha relevância no momento em que a fala das personagens desaparece. Há um momento da narrativa no qual Simão bacamarte com sua ideia fixa e Crispim Soares se calam. É nesse momento que a personagem exerce o papel principal. No momento em que loucura e/ou razão perdem força, entra o silêncio meditativo da besta que ganha a cena e segue a narrativa.

> "E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana que vinha montando; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras." (MACHADO DE ASSIS, 2014.p.32)

D. Evarista exerce um papel relevante na obra de machado, no sentido de que completa a unidade familiar. A personagem principal Simão Bacamarte necessita de uma esposa que lhe dê apoio. Esse é um retrato da sociedade da época. A personagem principal

[8] ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011. 3ªed.

ocupa uma posição central, portanto, um casamento completa essa ideia.

Crispim Soares, o boticário, e sua mulher. Dava apoio ao amigo Simão Bacamarte na sua pesquisa. Menos por amizade que por interesse Crispim “o segue”.

O vigário Lopes aparece na narrativa representando a Igreja. De acordo com os valores da época essa ainda exercia um grande poder. Tinha o direito de interferir na vida dos cidadãos e nas decisões importante. Sobre o projeto de Simão Bacamarte o vigário se manifesta da seguinte forma:

> “O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entende-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era tal modo colossal que não merecia princípio de execução”. (MACHADO DE ASSIS, 2014.p.36)

Aqui se percebe que a Igreja dá a sua opinião acerca da nova teoria de Simão Bacamarte. Entretanto, a instituição não se compromete com tal empreendimento, caracterizando a ideia de absurda e colossal.

2. MIGUEL DE CERVANTES

2.1*Dom Quixote* em Miguel de Cervantes

A obra prima de Cervantes está dividida em duas partes, sendo que na primeira, Dom Quixote parece quase que desprovido de razão. As suas atitudes parecem mais irrefletidas e por isso, Sancho Pança faz constantes observações acerca do que seria racional. Na segunda parte a situação vai se invertendo. Sancho mostra-se cada vez mais ambicioso e ligado às coisas terrenas ao passo que em Dom Quixote fica mais claro que as suas atitudes não são tão insanas quanto parecem. O tema da inversão das perspectivas foi salientado já no século passado por Miguel de Unamuno, em sua conhecida *Vida de Dom Quijote y Sancho* (1906), um marco nas leituras do Dom Quixote no início do século XX. (UNAMUNO, 1931)

Na segunda parte, permanece na segunda parte a ideia fixa narrada na primeira parte. Entretanto, Dom Quixote é consciente e já demonstra alguns sinais de que vai recobrando a sanidade. A obra culmina com a morte de Dom Quixote, elemento importante que será discutido no decorrer desta pesquisa. Sancho, embora ambicioso e sempre preocupado com bens materiais, demonstra racionalidade quando se preocupa com a família, com a esposa. Perto da morte de seu amo, se aproxima cada vez mais deste e se emociona com seu derradeiro destino.

A carta de Sancho[9] à sua mulher Tereza Panza dá ao leitor uma retrospectiva de da sua vida, das suas ambições e são retomadas algumas aventuras vividas em capítulos da primeira parte. Nela Sancho mostra uma racionalidade ao mostrar preocupação com sua família. Nota-se que por mais que se trata de duas personagens tidas como loucas, a família aparece no centro da narrativa também em Miguel de Cervantes. Embora as duas personagens se encontram em diversas aventuras pelo mundo, há uma ligação com a esposa, no caso de Sancho, ou com a mulher ideal, a Dama, Dulcinéia, no caso de Dom Quixote.

[9] DQ. capítulo XXVI 2ª parte.

2.2 Outros aspectos do *Dom Quixote*

Além de Dom Quixote e Sancho, conforme mencionado acima, vale à pena salientar, que por se tratar de uma obra muito extensa e com aventuras, há passagem por distintos lugares, portanto, há muitas personagens. Cada lugar onde Dom Quixote chega, "ele contracena com outras pessoas", e com personagens distintas. Rocinante é uma personagem muito importante dentro da narrativa de Cervantes. Visto que está mais presente, embora eclipsada pelas personagens humanas.

É uma personagem que está desprovida de loucura ou razão, por ser um animal. No entanto, em alguns pontos da narrativa ganha relevância quando Dom Quixote e Sancho se calam. A loucura é uma constante em Dom Quixote que parece viver em um mundo de fantasia. São visto castelos em vez de casas comuns, gigantes, em vez de moinhos de ventos, viagens em cavalos voadores, em vez de um cavalo inerte de madeira, etc.

Dulcinea del Toboso é a musa de Dom Quixote. Embora se trate de uma mulher comum, muito diferente da que o cavaleiro idealiza, Dulcinea aparece como uma loucura de Dom Quixote e faz parte de sua ideia fixa. O fato do cavaleiro coloca-la em um pedestal, como uma mulher encantadora, é mais uma forma jocosa que irá divertir o leitor em várias situações.

O Padre e o barbeiro aparecem no sexto capítulo da primeira parte da obra de Cervantes. Vale à pena tratar dessas personagens aqui, visto que estas são importantes para entender alguns aspectos que irei abordar nesta pesquisa. O Padre representa a igreja; os dois fazem uma análise minuciosa dos livros encontrados na biblioteca de Dom Quixote.

3. PERSPECTIVAS SOBRE A LOUCURA EM *DOM QUIXOTE*

D. Quixote sonha em melhorar o mundo e o tenta fazer de uma maneira ilusória e anacrônica, porque jamais existiu cavaleiros andantes como existiam nos livros. Isso o faz parecer louco perante os outros e ao mesmo tempo engraçado. É bom lembrar que se trata de uma loucura seletiva, no sentido de que não se pode afirmar categoricamente que o cavaleiro era realmente louco[10].

Já em determinados críticos como Gaos[11] tratava-se de uma loucura duplamente literária cuja origem se encontra na leitura excessiva de livros de cavalarias. Além disso, a crítica não está direcionada somente aos livros de cavalaria, mas se estende à literatura pastoril, à poesia, etc. Gaos pontua também que D. Quixote era também um autor, embora frustrado, e ilustra com momentos nos quais o cavaleiro tem vontade de pegar a pena e dar fim. Sancho é o seu contraponto, mas ao mesmo tempo o complementa em muitos aspectos. No que concerne à loucura, existe um pacto entre os dois, que é abordado por Gaos da seguinte forma:

> "El íntimo sentido común, la recóndita cordura que yace en el fondo del espíritu de don Quijote hace verosímil que de pronto aflore en manifestaciones que a primera vista resultan sorprendentes. Por ejemplo, cuando relata a Sancho la anécdota de la viuda hermosa y rica que se enamoró de "un mozo motilón, rollizo y de buen tomo", y habiéndole extrañado al prior tal elección, cuando hubiera podido escoger entre "tantos maestros, tantos presentados y tantos teólogos" como había en el convento, le respondió: 'para lo que yo le quiero, tanta filosofía sabe, y más, que Aristóteles'. A lo que añade don Quijote: 'Así que, Sancho, por lo que yo quiero a Dulcinea del Toboso, tanto vale como la más alta princesa de la tierra'.(GAOS, 1987. p.177)

A partir deste ponto fica claro para Gaos que os dois abriram um caminho para um acordo tácito de mentirem reciprocamente. Em outro momento, quando Sancho desce do

---

[10] Esta parte do trabalho busca apontar para certa linha de entendimento a respeito do tema da loucura em Dom Quixote, sem tentar esgotar o assunto, é claro. A bibliografia sobre o tema é exaustiva, mas para nossos propósitos o importante era ressaltar a relevância desse tópico como motivo a ser retomado posteriormente por Machado de Assis.

[11] GAOS, Vicene. *La locura de Don Quijote*.

Clavileño e afirma ter visto muitas coisas, apesar de não haverem saído do lugar, D. Quixote responde a Sancho da seguinte forma:

> "-Sancho, pues vos queréis que se os crea lo que habéis visto en el cielo, yo quiero que vos me creáis a mí lo que vi en la cueva de Montesinos. Y no os digo más." (CERVANTES, 1616.p.844)

Dom Quixote partiu em busca de seus ideais à sua maneira. Com sua aparência chamativa e sua maneira própria de perceber a realidade, foi-a transformando por onde passou. Sua loucura é contagiosa; Sancho foi o primeiro a contraí-la, além deste, outros também a contraíram: o barbeiro, o padre, Sansão Carrasco, os duques etc. O riso era inevitável, por onde passava essa loucura irônica, burlona e ridícula de D. Quixote. Por isso, incompreendido; mas o que não se pode negar é que perpetuou o riso e a alegria na literatura. Essa forma de transformar se alinha com a Loucura na obra de Erasmo de Roterdã[12] ao se defender, fazendo o seu próprio elogio:

> "Dizei-me por obséquio: um homem que odeia a si mesmo poderá acaso amar alguém? Um homem que discorda de si mesmo, poderá acaso concordar com outro? Será capaz de inspirar alegria aos outros quem tem em si mesmo aflição e o tédio? Só um louco, mais louco ainda do que a própria Loucura, admitireis que possa sustentar a afirmativa de tal opinião"[...] (ROTTERDAM, 2003.p. 32)

Para Erasmo a vergonha do sábio o impede de seus sonhos, falta-lhe, portanto, os ímpetos da Loucura para que os viva. Ao colocar em prática aquilo que pensa, o ser humano aprende com os próprios erros. Ao contrário do que se possa imaginar, a sua loucura trilha os caminhos da felicidade porque em algum momento se aliará à prudência. Ademais, o pensamento erasmista dispensa os excessos da razão, com isso, se vive uma loucura[13]

---

[12] ERASMO. *Elogio da Loucura. Tradução: Paulo Neves.* Porto Alegre: L & M POCKET, 2016.

[13] Depois de ter louvado meu poder e meu engenho, que direis se me ocorresse fazer também o elogio de minha prudência? "Provar que a prudência pode aliar-se com a loucura, dir-me-eis, é provar que a água pode misturar-se com o fogo. " Espero, no entanto, poder prová-lo, se consentis escutar-me tão atentamente como o fizestes até agora. Em primeiro lugar, se a prudência consiste na experiência, quem merece mais o título de prudente: o sábio que o temor ou a vergonha impedem de empreender alguma coisa, ou o louco que, não tendo vergonha e jamais vendo o perigo, empreende ousadamente tudo que lhe passa pela cabeça? O sábio, com o nariz sempre colado nos livros dos antigos, aprende apenas palavras sutilmente combinadas, o louco, ao contrário, exposto constantemente a todos os caprichos da fortuna, aprende em meio aos revezes, penso eu, a conhecer a verdadeira prudência. [...] (ROTTERDAM, 2003, p.38)

saudável. Dom Quixote partilha desse tipo de loucura e Sancho mostra às vezes o lado racional da situação, dando um tom mais descontraído aos acontecimentos.

Bataillon[14] afirma que Cervantes, distintamente de Erasmo, dispensou as questões litigiosas nas suas obras; se era um contra reformista, o fez de uma forma tranquila e bem-humorada. Os rastros erasmistas que são encontrados na sua obra não mostram uma religiosidade extrema, tampouco uma incredulidade. Não atacou o poder da igreja diretamente, como o fez Erasmo, mas demonstrou uma religiosidade mais consciente, no sentido de que dispensou a crença cega desprovida de senso crítico. Não escreveu uma literatura erasmista, como esperava os seus contemporâneos, visto que esta era uma corrente predominante na literatura da época, entretanto, sua obra se identifica até um certo ponto com a de Erasmo, mas de uma forma bem-humorada e uma crítica muito mais apurada e sutil.

Essa loucura interfere na percepção do tempo. Ao sair da cova de Montesinos, por exemplo, D. Quixote conta o que viu a Sancho e ao primo. Entretanto os tempos não coincidem. Para o cavaleiro passaram-se três dias, ao passo que para os dois, pouco mais de uma hora. Sancho sai em defesa do seu amo frente ao do questionamento do primo - visto que, não haveria tempo suficiente para todos os acontecimentos que o cavaleiro narrara -, da seguinte forma:

> "- Verdad debe de decir mi señor —dijo Sancho—, que como todas las cosas que le han sucedido son por encantamento, quizá lo que a nosotros nos parece un hora debe de parecer allá tres días con sus noches" [15] (CERVANTES, 2005, p. 715. Segunda Parte, cap. XXIII)

O tempo linear de Sancho e do primo, não acompanham o que passa na cabeça de Dom Quixote, com o seu emaranhado de ideias, que é reflexo de muitas leituras. O cavaleiro entrara em um mundo de sonhos, de ideias, no qual, os acontecimentos se sucediam mais rapidamente. Dada a necessidade de encaixar tantas peripécias na realidade dos dois

---

[14] BATAILLON, M. Em '*Erasmo y España.* México, MCE, 1982.2ª ed

[15] DQ II, CAP. XXIII

ouvintes, o tempo fora estendido para três dias, para ademais resolver o problema da verossimilhança. Vale ressaltar também que neste ponto da narrativa, o leitor não conta com a interferência do narrador, e só tem acesso aos acontecimentos narrados pelo próprio Dom Quixote.

O apego que o homem demonstra por si mesmo, pelas ideias que defende, o faz perceber o tempo e a realidade de acordo com os sonhos e as ilusões que alimenta. Esta é uma visão erasmista, que em Foucault[16] é abordado da seguinte forma:

> "Nesta adesão imaginária a si mesmo, o homem faz surgir sua loucura como uma miragem. O símbolo da loucura será doravante este espelho que, nada refletido de real, refletiria secretamente, para aquele que nele se contempla, o sonho de sua presunção. A loucura não diz tanto respeito á verdade e ao mundo quanto ao homem e à verdade de si mesmo que ele acredita distinguir. (FOUCAULT, 2014.p.25)

Outro ponto que marca a loucura de Dom Quixote é aventura do elmo de Mambrino[17] na qual o cavaleiro intercepta um barbeiro que se protege da chuva com uma bacia na cabeça, acreditando tratar-se do valioso elmo. O cavaleiro simplesmente ignora a realidade de que ali se trata de uma bacia e não um elmo precioso. A mentira nesse caso, ocupa o espaço da realidade. Sancho, nesse meio termo o contradiz de uma maneira sutil que deixa a cena mais engraçada.

No momento seguinte, no mesmo capítulo, questionado por Sancho, da possibilidade de buscar um castelo de verdade e oferecer os seus serviços a um rei, Dom Quixote lhe explica, que as aventuras são necessárias para que seja prontamente reconhecido num castelo. Nesta cena o cavaleiro fala dos seus sonhos, tais como: muitas conquistas, ser reconhecido por um rei, algo parecido aos romances de cavalaria, entretanto, como que despertando de um sonho, reconhece que devido à sua origem, jamais se casará com uma

---

[16] FOUCAULT, M. *História da Loucura.* São Paulo, Perspectiva, 2014.10ªed. Trad. José Teixeira Coelho Neto.

[17] DQ I Capítulo XXI

jovem princesa. Para Maria Augusta da Costa Vieira há uma mudança das tópicas próprias da cavalaria para a picaresca e

> [...] "o cruzamento, ou melhor, as sobreposições das formas constituem, no fim das contas, o tecido do sonho de dom Quixote de ser cavaleiro andante, entrelaçado pela perspectiva paródica pautada pela genealogia de Lazarillo. Interferindo no sonho do cavaleiro e inviabilizando seu reconhecimento no universo da corte e dos amores, Cervantes faz sucumbir às forças da razão, na tentativa de explicar sua própria origem. Ao ceder espaço para a narrativa daquilo que dom Quixote espera vivenciar quando chegar o tempo das mercês, o *manco de Lepanto* acaba truncando sua trajetória de cavaleiro em seu ponto máximo, que é o do reconhecimento, fundindo, com fins poéticos e de forma implacável, o sublime com o cotidiano. " [...] (VIEIRA,2012.p.163)

Uma mescla de loucura, sonho e razão, esta última fornecida pela interferência do próprio autor Miguel de Cervantes diminuindo o ritmo da narrativa e promovendo a quebra do romanesco. Essa mistura de loucura e razão é percebida por Foucault[18] desde uma perspectiva erasmista, que parte de um pensamento do qual "todos os homens são necessariamente loucos; não ser louco, seria padecer de outro tipo de loucura". Para Foucault, o trabalho de provar esse raciocínio começa com Erasmo, que consiste em uma

> Descoberta de uma loucura imanente à razão; depois, a partir desse ponto, desdobramento: de um lado, uma "loucura louca" que recusa essa loucura própria da razão e que, rejeitando-a, duplica-a, e nesse desdobramento cai na mais simples, na mais fechada, na mais imediata das loucuras; por outro lado, uma "loucura sábia" que acolhe a loucura da razão, ouve-a, reconhece seus direitos de cidadania e se deixa penetrar por suas forças vivas, com isso protegendo-se da loucura de modo mais verdadeiro do que através de uma obstinada recusa sempre vencida de antemão. (FOUCAULT, 2014.p.36)

Foucault reconhece que a razão predomina sobre a loucura. Uma tendência encontrada na literatura do século XVI e começo do XVII. A razão reconhece a loucura, cerca-se dela e avança sobre ela dominando-a. Uma evolução que se pode acompanhar ao ler Dom Quixote, visto que, este na segunda parte da obra se encontra mais racional que na primeira parte, culminando com sua morte.

---

[18] FOUCAULT, Michel. 2014, p. 36.

4. LOUCURA E PARÓDIA DE CERVANTES EM *O ALIENISTA*

4.1 Aspectos formais

Em primeiro lugar gostaria de discutir alguns aspectos formais da obra de Machado de Assis. Começo por abordar o gênero de *O Alienista* que de uma forma geral, está classificado como um conto. Maria Augusta da Costa Vieira, dentre outros autores, o considera como tal. De qualquer forma, temas importantes como loucura, morte, e o destino das personagens não serão perdidos de vista na minha análise.

Júlio Cortázar[19], no capítulo que trata sobre o conto, fala do seu caráter peculiar comparando-o ao romance. "Este se desenvolve no papel, e, portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romanceada. " Por outro lado, o conto tem limites, a começar pelo físico (número de páginas). Na França por exemplo, se o conto ultrapassa vinte páginas já passa a ser chamado de *nouvelle.* Entretanto, o autor diz que "Ninguém pode pretender que só se devam escrever contos após serem conhecidas suas leis", até porque, segundo ele, essas leis não existem e acrescenta que teóricos e críticos não tem como ser os próprios contistas, pois só entram em cena após haver uma quantidade de literatura suficiente que os permitam indagar e esclarecer o seu desenvolvimento e suas qualidades. Cortázar, acrescenta que o romance está para o cinema, por ser uma "ordem aberta" ao passo que a fotografia bem realizada está para o conto, porque trabalha com um campo reduzido, numa forma imposta pelo campo que a câmara abrange. Portanto, o contista, assim como o fotógrafo, deverá aproveitar ao máximo essa limitação. É neste espaço reduzido que o contista vai captar o melhor momento e, no caso de "O Alienista", mostrar que existe "a recorrência da mesma peripécia com a finalidade de caracterizar o irônico desequilíbrio das gentes, num clima saturado de brumas psicanalíticas"[20], como afirma Massaud Moisés.

---

[19] CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio* Alguns aspectos do conto

[20] MASSAUD, M. *Machado de Assis: Ficção e utopia. p.119. 10ed.*

John Gledson[21] afirma que

> "O alienista" não é um conto, e é difícil dizer a que gênero pertence. Como *o Cândido* de Voltaire, que talvez seja seu parente mais chegado, é um ataque às ingenuidades filosóficas do momento. Junto com o humanitismo de *Memórias póstumas* e *Quincas Borba*, é uma investida devastadora contra o 'bando de ideias novas', contra o cientificismo. (GLEDSON,2012.p.18)

Outro aspecto formal de relevância é o que diz respeito a enunciação, ou seja, a relação estabelecida entre narrador e leitor. Aqui cabe fazer um paralelo de *O Alienista* com *Dom Quixote*, visto que estas duas obras caminharão juntas nesta pesquisa pelos motivos já expostos na introdução.

Vieira[22] chama atenção para similaridade nas duas obras no que concerne à recorrência incidente sobre instâncias do ato narrativo e do próprio modo de narrar e a ironia, tanto em relação à matéria narrativa quanto ao leitor, ou mesmo quanto ao modo de contar. Tudo isso vai condicionar a forma de ler as duas obras. A mesma autora acrescenta outras técnicas que são importantes para perceber possíveis conexões entre os dois romancistas, tais como:

> [...]procedimentos paródicos discursivos, as digressões, a autorreferência, os jogos de perspectivas, o distanciamento do ponto de vista, o diálogo sério-cômico, além de um constante movimento crítico com relação a própria composição fazem parte do universo narrativo de ambos escritores. (VIEIRA, 2012.p.119)

D. Quixote tem a força da palavra a seu favor para conquistar o mundo, e Cide Hamete com base no registro dos anais da Mancha narra as aventuras do cavaleiro. Em *O Alienista* o narrador se baseia nas crônicas para relatar os acontecimentos, ou seja, recurso parecido ao de D. Quixote; a força de Simão Bacamarte reside no fato dele fazer parte da elite de Itaguaí; ademais estudou na Europa e foi até reconhecido pelo rei de Portugal. Tudo isso lhe dá muita força para promover uma mudança radical na cidade de Itaguaí.

---

[21] Autor do Prólogo de "Papeis Avulsos".

[22] VIEIRA, Maria A.C. *A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes. p. 78*

Em meio as controvérsias no mundo científico acerca da classificação de "*O Alienista"*, este será tratado neste trabalho como um conto que vai propor uma leitura do romance de Cervantes observando aspectos já citados anteriormente.

4.2 Recepção e Intertextualidade

Apesar de tudo o que foi dito acima sobre as similaridades entre a obra desses dois grandes autores gostaria de começar com uma frase de Gledson, no prólogo de "Papeis Avulsos": "nunca devemos subestimar a ousadia, a originalidade e a independência de Machado"[23]. A recepção no texto de Machado, portanto, levará em consideração essa maneira peculiar e independente de sua escrita, tendo em vista a autonomia e originalidade do escritor brasileiro mesmo diante de grandes nomes da literatura mundial.

No que concerne à recepção em textos ficcionais, e de maneira esquemática, reporto-me à hipertextualidade de Gerard Genete[24] segundo a qual, um texto A (hipertexto) se reporta a um texto B (hipotexto), relacionando-se entre si de várias formas. No caso das duas obras aqui estudadas, essa recepção se dá de uma forma que resulta em uma "transformação" que é o resultado de um texto B, no caso -"O Alienista"-, evocando mais ou menos explicitamente um texto A – "Dom Quixote"-, sem necessariamente falar dele, mas sem o qual não existiria o texto B.

---

[23] Em: ASSIS, Machado. *Papeis avulsos.p.13*

[24] GENETTE, G. *Palimpsestos – La literatura em segundo grado.* Madrid, Taurus, 1989. Trad. Celia Fernández Pietro.p.14

É a partir do "intertexto" entre essas duas obras que começarei a tratar a questão da paródia de Cervantes em Machado. Aqui vale abordar o trabalho de Paulo Roberto Dutra[25], já mencionado na introdução desta pesquisa, que inicia com uma imagem do conto de Machado[26] e a partir dela vai discutir aspectos da recepção do conto "O Alienista. Neste contexto, serão discutidos aspectos da paródia na obra, ampliando a discussão até verificar a possibilidade do conto de Machado ser uma paródia séria da obra de Cervantes.

Já no próprio tema do artigo -"Dom Bacamarte de Itaguaí: rastro de *Dom Quixote* em *O Alienista"*- percebe-se elementos de intertextualidade, ademais, a forma como o autor analisa elementos das duas obras, aponta para a existência de uma paródia. A cena de *O Alienista* em questão reporta-se imediatamente à obra de Cervantes, dado o espírito de aventura que se faz presente tanto em uma obra quanto em outra. Ademais, o fato de Machado deixar as rédeas da narrativa por conta da besta, é um estilo similar ao utilizado por Miguel de Cervantes. Tanto o texto de Cervantes quanto o texto de Machado resgatam "as futuras auroras", que para Dutra é uma lição "aprendida da obra do autor espanhol".

Massaud Moisés[27] levanta a possibilidade dessa imagem ser o sinal mais forte da obra de Machado ser uma paródia :

> Seria despropositado divisar nesta passagem o sinal mais eloquente de que "O Alienista" pode ser considerado uma paródia do Dom Quixote? Não parece que vemos o cavaleiro da Mancha e o seu fiel escudeiro, um visionário, o outro realista, aquele voltado para o futuro, este, para o presente? Nem falta o boticário o senso comum característico de Sancho Pança, como na ponderação feita ao alienista, quando este acoimava de mania das pedras o fato de Mateus, que acabara "de construir uma casa suntuosa, (...) posar-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajando de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo" (MOISÉS, 2001, p. 131)

---

[25] Dom Bacamarte de Itaguaí: rastro de Dom Quixote em "O Alienista". O Alienista". p.195-216

[26] E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas a suas auroras. "O Alienista"; p.32

[27] MOISÉS, M. *"O Alienista": Paródia de Dom Quixote?*

Dutra responde a essa pergunta de Massaud afirmativa e positivamente e chama atenção para o fato de o leitor, ao ler esta passagem, se reportar à imagem de Sancho e Dom Quixote imediatamente. Entendo também que esse momento da obra de Machado, não passa de "de uma ilha perdida no oceano"[28], como citou Dutra, mas no sentido de que a há muitos outros pontos dentro da obra que podem ser reportados à obra *Dom Quixote*. Essa imagem do cavaleiro e escudeiro é conhecida mundialmente independente de se ter lido a obra ou não, por isso chama tanto à atenção.

4.3 Paródia

Há pouco foi mencionado o trabalho de Dutra tratando a questão da paródia. Mas o que é exatamente a paródia?

De acordo com o dicionário Houaiss[29] paródia significa obra literária, teatral, musical, etc. que imita outra obra ou os procedimentos de uma corrente artística, escola, etc. com o objetivo jocoso ou satírico. Esse processo reduz o conteúdo do fato quando o reproduz de maneira exagerada e irônica. Em um artigo sobre a paródia em *Dom Quixote* Denise Toledo[30] afirma que para alguns historiadores é necessário que haja uma certa sofisticação cultural para que esse gênero prospere, pois, o leitor é o grande responsável pelo resultado, uma vez que faz relações das informações que já possui em seu conhecimento de mundo. Portanto, a paródia é um gênero sofisticado que necessita ser decodificado pelo leitor. Para Propp[31] as características individuais e fenômenos negativos da ordem social são alvos da paródia e

---

[28] ASSIS, M. p. 28

[29] https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v2-3/html/index.htm#1. Acesso em: 20. Nov. 2016.

[30] CASSAR, D. Disponível em:<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline /simposios/pdf/003/ DENISE_CASSAR.pdf> Acesso em: 18. Nov. 2016.

[31] Propp,V. *Comicidade e Riso.*São Paulo, Ática, 1992. p.26

acrescenta que esta somente terá um caráter cômico se mostrar a fragilidade interior do que é parodiado.

É o que acontece na obra Dom Quixote. Já no prólogo, Cervantes traz à tona estilos utilizados na época. O leitor desse tipo de obra é apresentado como desocupado; Cervantes frisa que utilizará estilo distinto dos utilizados e promete um prólogo sucinto e sem penduricalhos e o faz da seguinte forma:

> "Sólo quisiera dártela monda y desnuda, sin el ornato de prólogo, ni di la innumerabilidad y catálogo de los acostumbrados sonetos, epigramas y elogios que al principio de los libros suelen ponerse. Porque te sé decir que, aunque me costó algún trabajo componerla, ninguno tuve por mayor que hacer esta prefación que vas leyendo. Mucha veces tomé la pluma para escribille, y muchas la dejé, por no saber lo que escribiría; y estando una suspenso, con el papel delante, la pluma en la oreja, el codo en el bufete y la mano en l mejilla, pensando lo que diría, entró a deshora un amigo mío, gracioso y bien entendido, el cual, viendo-me tan imaginativo, me preguntó la causa, y, no encubriéndosela yo, le dije que pensaba en el prólogo que había de hacer a la historia de don Quijote, y que me tenía de suerte que ni quería hacerle, ni menos sacar a luz sin él las hazañas de tan noble caballero". (CERVANTES, 2005, p.65. Prologo da Primeira Parte)

A Parodia é apresentada por Bakthin[32] como um diálogo entre textos, como se fosse um discurso indireto. Para o autor, a agudeza e a clareza devem estar presentes na paródia, pois o primeiro texto é utilizado na segunda narrativa de maneira oposta. As finalidades entre esses textos são distintas. O segundo texto além de se desviar totalmente do original, pode também exagerá-lo. Este conceito, segundo Flavio Pereira Camargo[33] é ampliado por Linda Hutcheon, quando diz que o prefixo *para* possui em grego também o significado de "ao longo de". A partir daí a paródia passa a ser transformadora ao se relacionar com outros textos e a diferença que estabelece com o texto anterior passa a ser uma de suas marcas. Surge, portanto, a paródia exigindo um distanciamento crítico do escritor com relação ao texto base, uma participação ativa do leitor – por isso o narrador se dirige muitas vezes ao leitor, demonstrando uma preocupação com sua recepção do texto – e um distanciamento irônico do escritor.

---

[32] BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento.* 8.ed. São Paulo, Hucitec, 2013. Cap. 1.

[33] Releituras, paródia e intertextualidade em braz, Quincas & Cia (2002) de Antonio Fernando Borges. p.41

Não há dúvida de que *O Alienista* de Machado e o *Dom Qui*xote de Cervantes estabelecem um diálogo. Em *Dom Quixote* o caráter metaficcional já aparece no prólogo esmiuçando estilos literários da época e anunciando como será a obra. E em alguns capítulos mais à frente, ainda na primeira parte, aparecem no escrutínio da biblioteca de Dom Quixote distintos comentários sobre Literatura. Entretanto, gostaria de chamar à atenção para o tema da loucura que de uma forma paródica é também abordado em Machado de Assis. A ideia fixa é um tema fulcral tanto em *O Alienista* quanto em *Dom Quixote*. Em Cervantes essa loucura toma rumos burlescos e jocosos. O autor de Dom Quixote vai provocar o riso à medida que apresenta o cavaleiro, trazendo à tona as fraquezas humanas. Segundo Ángel Basanta[34], dom Quixote percebe e registra claramente a realidade que ele contempla (vendas, moinhos, rebanho de ovelhas), mas a sua imaginação transcende esta realidade e o cavaleiro vai se deparar com castelos, gigantes, exércitos, etc. "su locura es debida, por tanto, al desarreglo de su imaginativa – facultad del alma que recibe las imágenes de los sentidos- y de su fantasía, ambas lesionadas, por lo cual el alma del personaje registra la realidad ya metamorfoseada".

Em uma leitura superficial, é como o cavaleiro não conseguisse decifrar as metáforas, o que o transformaria em um louco de verdade. Mas o fato de transformar moinhos em gigantes, como afirma Massaud Moisés, revela que o cavaleiro sabe muito bem como lidar com a metáfora, desde que esta esteja a favor dele. Da mesma forma que Simão Bacamarte o sabe à medida que também é capaz de criar suas metáforas para fundamentar a sua teoria sobre a loucura. No capítulo intitulado "Uma teoria nova" Bacamarte explica ao boticário que:

> - Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. **A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente[35].** (MACHADO DE ASSIS, 2014, p. 34)

[34] Introdução da obra Dom Quijote.

[35] Grifo meu.

Observando o tema da loucura nas duas obras, e levando em consideração as definições de paródia descritas acima, não resta dúvida, portanto, que a "O Alienista é uma paródia de Dom Quixote. No entanto, não se percebe uma exageração ou desvio burlesco como Cervantes o fez com os romances de cavalaria, não posso dizer, portanto, que "O Alienista" seja uma paródia nos moldes que estamos acostumados. Em Machado, haverá sim, um texto no qual se apoiará a loucura da sua personagem, mas de uma forma irônica para situar a obra no contexto em que essa se encontrava.

Uma das características que marcam a ironia refinada de Machado é o destino dado às suas personagens. Simão Bacamarte se isola para tentar curar-se de sua loucura. Foi um sonho talvez movido pela ambição de mostrar uma ciência pragmática e baseada em muitos estudos, mas que na realidade não funcionavam. Posso dizer, portanto, que a morte é o que há de comum entre as duas personagens, mas com motivos e perspectivas bem distintas. Os distintos contextos na linha do tempo, por si sós, já obrigam uma recepção distinta de determinada obra, uma vez que os leitores de distintas épocas possuem visões de mundo bem diversas.

É o que nos mostra Pierre Menard, autor *del Quijote* de Borges[36], ao propor que uma mesma obra escrita em um tempo distinto, já traz grandes diferenças, visto que os distintos contextos obrigam recepções distintas. Neste caso, também uma paródia cômica, à medida que o autor argentino não faz qualquer burla distinta do que é feito por Cervantes, ao substituir os romances de cavalaria pelos leitores românticos de Cervantes.

Arrisco a afirmar que o Alienista de Machado é uma paródia séria[37] de Dom Quixote principalmente no que concerne ao tema da loucura. Basta olhar que distintamente de

---

[36] Jorge Luis Borges. *Pierre Menard.* Obras Completas.

[37] GENETTE, *G. Palimpsestos: la literatura en segundo grado*. Texto orinal de 1962; tradução para o espanhol de 1989.p.40. - Genette admite a existência de uma paródia séria, sem função burlesca o que ele chama de "régimen lúdico del hipertexto", prática hipertextual concebida como um puro divertimento ou exercício ameno.

Bacamarte, Dom Quixote se transforma em Quijano, numa espécie de retorno à razão. É uma espécie de derrota, visto que Dom Quixote é obrigado a ceder lugar um homem real para poder morrer em paz, salvando, porém, a ficção, o valor das ideias verdadeiras, que apesar de não serem possíveis de serem postas em práticas, devem servir de baliza para toda a humanidade. Machado usa essa ideia para falar de uma sociedade com outros contextos, mas com defeitos que teria qualquer outra sociedade no mundo. Assim como Cervantes, o autor brasileiro fala da natureza humana de uma forma muito verossímil, tendo como texto base, no que concerne ao tema da loucura, a obra do grande Mestre espanhol. Fazendo-o de forma peculiar e refinada, de forma que com uma leitura rasa, é impossível perceber essas ideias que subjazem como essência de uma verdadeira obra literária que é *O Alienista*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último capítulo narra a morte de Dom Quixote e começa falando de um fim natural, como algo que é o destino de todos os seres humanos. O cavaleiro volta a sua condição de Alonso Quijano; esse retorno pode ser visto como o despertar de um devaneio. Essa transformação de Dom Quixote em Quijano no último momento, é como se Cervantes quisesse eternizar o Quixote. Entendo que Quixote vive, e o fato de haver reconhecido em seu momento derradeiro a sua "necedad", por ter se exposto ao perigo no momento a partir do qual entrou em contato com os romances de cavalaria, não o coloca em situação de querer voltar atrás e fazê-lo diferente. Reforça, entretanto, o seu rechaço por tais obras. Um rechaço pelo que elas transmitem e pelo mal que fazem à humanidade.

Uma Humanidade carregada de falsidade, interesse e carente de alguém que faça alguma coisa para mudar essa situação. Qualquer problema só existe a partir do momento em que nos damos conta que ele existe. Foi essa a grande loucura de Dom Quixote, chamar atenção para problemas, para os quais todos haviam perdido a sensibilidade. A começar pela linguagem, o cavaleiro cruzou diferentes formas e se utilizou de uma linguagem popularíssima para falar de problemas seríssimos. O riso surge quando Quixote parece brincar com coisas sérias, traz à tona as fraquezas humanas. Surge nas entrelinhas, entretanto, crítica aos problemas sociais, à natureza humana, às imperfeições. É paradoxal a loucura do cavaleiro, no sentido de que, parece não ter propriedade para falar das imperfeições do mundo, entretanto, é nesse ponto que se encontra o verdadeiro sentido da obra. Surge uma loucura sublime, inocente, mas ao mesmo tempo intencional. É uma loucura seletiva que vai alcançar distintos pontos da natureza humana. É uma batalha difícil, que vai culminar com sua morte parcial. Parcial no sentido de que suas ideias, suas sementes ficaram plantadas e germinaram para a eternidade. Apesar de tudo, o mundo carece de uma multidão, como uma

cruzada, para resgatar o cavaleiro, como disse Unamuno[38]: “del poder de los hidalgos de la razon”, como numa espécie de loucura para em seguida resgatar o mundo das falsas ideias, sem perder de vista o objetivo, com uma ideia fixa e sem se deixar perturbar por nada, por ninguém, na busca dessa verdade.

Uma verdade que irá cruzar as fronteiras do tempo e espaço, desembocando em um Brasil do século XIX; lugar onde se irá encontrar um correspondente, na medida em que fala da loucura, da ideia fixa, dos problemas do mundo e de uma morte na busca por essa verdade, com uma forma própria e uma crítica refinada. Machado de Assis cria Simão Bacamarte, uma personagem que se isola na casa verde e “entrega-se a cura de si mesmo”. O ato de narrar a sua morte, os boatos que circularam e a forma como foi enterrado são entregues mais uma aos cronistas. Segundo estes, não houve sequer outro louco além dele mesmo. A pompa e a solenidade com que fora enterrado são realçados no final da obra de Machado de Assis. John Gledson[39] aponta esse desfecho, o de decidir se isolar e morrer sozinho após ter colocado uma cidade inteira de cabeça para baixo, como a revelação de “um equívoco fatal de qualquer positivismo ou materialismo ingênuo, sobretudo quando se propõe a estudar a sociedade ou a psicologia humanas”.

Simão Bacamarte incorporou o saber da ciência, na medida em que voltou da Europa e tinha o consentimento de todos para colocar na casa verde quem achasse necessário. Culminou, claro, confinando toda uma população em uma casa de loucos. Entendo que Machado de Assis, atingiu com sua obra grande verossimilhança, à medida em que se pode entendê-la não somente como uma crítica ao desenvolvimento científico da época, mas também ao atual, nos moldes de globalização correntes; como uma viagem que cruza as

---

[38] UNAMUNO, M. *El sepulcro de Don Quijote.* Disponível em: cvc.cervantes.es/literatura /quijote_antologia unamuno.htm>. Acesso em: 15.nov. 2016.

[39] ASSIS, M. *Papéis Avulsos.* São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 3ªed. Prólogo.

barreiras do tempo e do espaço. Este pode ser um reconte do mapa mundial: território brasileiro. No sentido de que não se precisa mais ir à Europa para adquirir conhecimento, e sim aos grandes centros universitários espalhados pelo país. Neste contexto, há Bacamartes por toda parte, que vão buscar conhecimentos avançados, em áreas como: Medicina, Psicologia, Agronomia, Engenharia etc, e que voltam para a sua "Itaguaí" aplicando mal o que aprenderam, isto é, sem possuírem às vezes recursos, quer materiais, quer científicos para colocá-los em prática. Se isolam muitas vezes nesses pequenos lugares sem dar continuidade aos seus estudos, aperfeiçoar e quiçá aprofundar na área que escolheram. O objetivo passa a ser sobrevivência à custa do sistema que funciona de uma forma precária, numa espécie de loucura e alienação, e ao mesmo tempo isolamento do resto do mundo do conhecimento. Um destino que na vida real pode ser tratado como "ironia do destino", mas que na ficção de Machado não é nada mais que um traço da sua refinada ironia.

Entretanto essa loucura se justifica, se é desencadeada por uma inconformidade com algo muito errado que paira sobre nós, no sentido de que só a inconformidade perante a tristeza de nos encontrarmos como se estivéssemos em "una fatídica procesión de fantasmas que van de la nada a la nada" como disse Unamuno, pode nos tirar desse estado de apatia e resignação. Transformamo-nos em Quixotes e/ou Bacamartes, no momento em que, com nossas atitudes nos impulsiona a buscarmos caminhos distintos em busca de um sonho. A morte é a certeza de uma transformação. Surge a partir das sementes mortas, uma nova vida. Esta é a certeza da eternização do que foi plantando com determinação de alguém que apesar todas as mofas, sabia exatamente que estas não o atingiam porque a arte verdadeira permanece.

Duas loucuras distantes no tempo e no espaço que a arte verdadeira trata de uni-las novamente em algum lugar no futuro. De uma forma parecida começa Cervantes o primeiro capítulo de sua obra: "En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme",

frase que o grande mestre brasileiro parodia realçando que “as crônicas de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte”[40] [...]. Na primeira, uma burla que trará consigo ideias serias e ironias que como um caleidoscópio reflete em múltiplas direções, alcançando distintas realidades. A segunda, uma ironia mais séria e carregada de uma certa amargura, alcança de forma análoga múltiplos pontos. As duas obras, com uma característica metaficcional, vão se preocupar com o leitor, na medida em que o tira de seu orbital comum e o transporta a um lugar mais distante, contagiando-o com esse desejo de ideias novas e permitindo múltiplas releituras e intercâmbios.

Nas duas obras em questão, as personagens vão esbarrar na morte, que, na obra de Cervantes, aparece como um limitador, no sentido de que encerra algo, mas ao mesmo tempo um libertador das ações de Dom Quixote, que no afã de mudar aquilo que para ele não estava certo, mergulha nesse mundo de loucura e ideia fixa para tentar trazer à tona, de qualquer forma, a verdade.

As peripécias do cavaleiro exigem do leitor uma habilidade especial para separar o riso da mensagem séria que Cervantes queria passar aos seus leitores. A morte de Dom Quixote parece ser real e irreal ao mesmo tempo. Real na medida em que se pensa no perecimento físico de Alonso Quijano; e irreal à medida em que a personagem principal dá lugar a outra para morrer em seu lugar; é como se a ficção se estivesse mesclando com a realidade, criando um efeito de torpor, tanto nas personagens quanto no próprio leitor diante desse fim surpreendente; e como se Alonso Quijano acordasse após um grande sonho de mudar o mundo. É neste momento que a pena de Hamete desperta para dizer que ela e o cavaleiro nasceram um para o outro, evidenciando-se, assim, a importância da Literatura;

Um cenário que, para mim, não vai se repetir em *O Alienista.* Na obra de Machado de Assis os efeitos dos sonhos de Simão Bacamarte, não o descreditam, tampouco os fazem

[40] ASSIS, Machado. *O Alienista.*

parecer ridículo perante a sociedade ao colocar em prática os seus intentos. Por isso ele é mais realista, tanto da perspectiva dos habitantes de Itaguaí, quanto da dele próprio. É mais um motivo que vem a tirar o espaço do riso, tanto do leitor quanto dos habitantes da cidade fluminense, ou da galhofa destes. Machado reserva o riso a si próprio, mas um riso com o canto da boca, disfarçado, sarcástico. Desta forma, o mestre zomba de uma sociedade hipócrita e interesseira, e o faz de forma genial.

O leitor não presencia a morte de Bacamarte; não há um destino triste como a de Dom Quixote. Neste ponto as duas obras são bem distintas, pois Simão Bacamarte parece não se libertar, pelo contrário, isola-se para iniciar a sua própria cura, e morre. Uma cura duvidosa, até porque ele não foi capaz sequer de diagnosticar a loucura em qualquer habitante de Itaguaí. Simão Bacamarte se viu em uma situação de desespero e resolveu se isolar do julgamento da opinião das pessoas que foram confinadas por ele na Casa Verde. Por isso, o a sua morte não foi libertadora; pelo contrário, o isolou e extinguiu.

Machado nos faz notar que a apreensão distorcida do conhecimento é perigosa, na medida em que nos leva a tomar decisões erradas e o resultado de tais decisões podem ser fatais, como no caso de Simão Bacamarte. Por isso, a "ciência" em *O Alienista* foi insuficiente e não libertadora; culminou no fracasso e morte eterna de Simão Bacamarte. A ciência na visão do escritor brasileiro não estava à altura de voar com suas próprias asas, até porque, nem as tinha. Era uma cópia do que acontecia na Europa; o seu insucesso está ligado à falta de concatenação com a realidade brasileira. Já Cervantes, por outro lado, criou um destino para sua personagem, de forma que, a morte serviu como uma libertação e ao mesmo tempo uma eternização da arte de criar. Tudo isso me faz afirmar que Miguel de Cervantes tem uma visão otimista na sua narrativa em *Dom Quixote,* ao passo que Machado possui uma visão pessimista e fatalista dos acontecimentos em *O Alienista*, pois, permitiu que o sonho e a loucura de Bacamarte morressem juntos com ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos.* 3.ed.São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. *O alienista.* São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento.* 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance.* 6.ed. São Paulo: Hucitec. 2010.

BATAILLON, M. Em '*Erasmo y España.* México, MCE, 1982. 2.ed. Trad. Antonio Alatorre.

BETTO, Frei. *A Razão crítica de Cervantes através da loucura de Dom Quixote.* [18 de maio de 2005]. Disponível em: <http://www.voltairenet.org/article125266.html> Acesso em: 07. Set. 2016.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira.* 47.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos.* São Paulo: Ouro sobre azul, 2003.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo, E. S. *A personagem de ficção.* 12.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASSAR, D. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/003/DENISE_CASSAR.pdf> Acesso em: 18. Nov. 2016

CLOSE, Anthony. *La metalepsis cervantina. Breve historia de un malentendido.* Universidad de Cambridge.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio- crítica.* 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUTRA, P. *Dom Bacamarte de Itaguaí. Rastros de Dom Quixote em "O Alienista"*

ECO, Umberto. *Obra aberta – estética.* 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura.* 10.ed. São Paulo, Perspectiva, 2014. Trad. José Teixeira Coelho Neto.

FREYRE, Gilberto. *O Brasileiro Entre os Outros Hispanos: Afinidades, Contrastes e Possíveis Futuros nas suas Inter-relações.* Rio de Janeiro, José Olympio/ Instituto Nacional do Livro/MEC, 1975.

GAOS, Vicente. 'La locura de Don Quijote'. Em: *Don Quijote de la Mancha*. Mabrial, Gredos, 1987. Vol. 3.pp.181-184.

GENETTE, G. *Palimpsestos – La literatura em segundo grado.* Madrid: Taurus, 1989. Trad. Celia Fernández Pietro.

GLEDSON John. *Machado de Assis – Ficção e História;* 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v2-3/html/index.htm#1>. Acesso em: 20. Nov. 2016.

JAUSS, H.R & alii. *A literatura e o leitor. Textos de Estética da Recepção.* 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Trad. Luiz Costa Lima.

LIMA, Luiz C. *Pensando nos trópicos.* Rio de Janeiro: Rocco, 1991. pp. 253-265.

MASSAUD, M. *Machado de Assis: ficção e utopia.* 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

PROPP, V. *Comicidade e riso.* São Paulo: Ática, 1992.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura. Tradução: Paulo Neves.* Porto Alegre: L & M Pocket, 2003.

SAAVEDRA, Miguel de C. *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha.* Madrid: Anaya, 2005.

UNAMUNO, Miguel de. *El sepulcro de Don Quijote*. Disponível em: cvc.cervantes.es/ literatura/uijoteantologia/unamuno.htm>. Acesso em: 15.nov. 2016.

VIEIRA, Maria A. da C. *A Narrativa Engenhosa de Miguel de Cervantes.* São Paulo: Edusp, 2012.